

O amor no século XIX: Jaime Batalha Reis e Celeste Cinatti

Fernando Pessoa não tinha razão quando declarou serem todas as cartas de amor ridículas, mas imagino que, se tivesse lido as de Jaime Batalha Reis à noiva, o seu preconceito teria saído reforçado. Os obsessivos «minha Celeste, minha amiguinha» têm qualquer coisa de infantil, o que é natural, dado que o seu autor era um jovem profundamente apaixonado pela menina Celeste Cinatti, que pela primeira vez vira numa fotografia. Ridículos ou não, estes documentos são úteis a todos aqueles que se interessam pelo século XIX.

Num país onde as fontes, especialmente as de natureza privada, são raras, este espólio é uma preciosidade. As cartas nele incluídas permitem-nos olhar a sociedade oitocentista de uma forma que os livros, os jornais e os opúsculos não nos autorizam. Nelas reflectem-se as preocupações comezinhas, os tiques inconscientes e os sonhos obscuros, numa palavra, os quadros mentais dentro dos quais se desenrola a sedução amorosa. Os dois jovens, Jaime e Celeste, aliás mais ela do que ele, eram, até certo ponto, excepcionais. Apesar disso, amavam-se sob o império de regras que lhes escapavam. Veja-se o papel subordinado da mulher, a omnipresença da janela, a boémia masculina. E a pose, sobretudo a dele, sólido e leal; já a dela, pouco frágil e menos assustada, se desvia do estereótipo. Seria, aliás, por se não conformar com o seu papel subordinado que alguns conflitos surgiriam.

Jaime Batalha Reis era um intelectual típico da geração para quem, entre crises de neurastenia, Antero de Quental prometera escrever o artigo de abertura da *Revista Ocidental*. Para trás tinham ficado os idealistas de 1820, para trás os participantes das guerras civis, para trás os políticos pragmáticos da Regeneração. Em cena aparecera um grupo de jovens que falava de

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

socialismo, de realismo e de niilismo. Era a «geração de 1870», a qual desejava atacar a sociedade que os seus pais tinham criado. Tudo começara, em 1865, com a polémica «Bom Senso e Bom Gosto». Sob a aparente denúncia do velho poeta António Feliciano de Castilho, o grande cacique literário da época, aqueles estudantes pretendiam destruir o unanimismo regenerador.

Apesar de engenheiro agrónomo de formação, Batalha Reis gostava de dissertar sobre socialismo, o que, como se poderá ver, não o impediu de tentar forçar Celeste a um papel menor. A mulher ainda era vista como um ser incapaz de «isolar o sentimento da razão fria». Donde resultava poder ela ler Byron — em versão para senhoras, é claro —, mas não, como pretendia, George Sand, Balzac e, muito menos, Bocaccio. Não se pense que ela cedeu facilmente: o que impressiona é até a sua resistência, acusando, a certa altura, o noivo de a estar a destinar a «aprender a coser e a descascar ervilhas». O tópico será retomado em mais de uma ocasião, não se apercebendo ele de que, ao declarar-lhe existir, por detrás de cada grande homem, uma grande mulher, a estava a ferir. A meio do namoro, Celeste chegou a pôr a hipótese de ingressar num convento, mundo de que, aliás, guardava recordações nostálgicas. No início do encontro solicitara ao noivo que a ajudasse a resolver algumas dúvidas sobre a autenticidade dos Evangelhos. Ateu, este tentou acalmá-la, respondendo-lhe ser a moral individual mais digna do que a doutrina da Igreja, enquanto, pelo meio, a procurava convencer a deixar de se confessar.

Estas cartas permitem-nos constatar quão distantes eram, no século XIX, os mundos masculinos e femininos. Os dias e as noites de Batalha Reis eram passados entre os amigos, Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Salomão Saragga e Lobo de Moura. Era com eles que conversava, à noite, sobre materialismo. Era com eles que redigia poemas. Era com eles que se divertia em jantaras. Era com eles que se entretinha a planear conferências. Era com eles que lia Baudelaire, Heine e V. Hugo. Era com eles que, nos vagares das tardes de Verão, bebia vinho de Torres acompanhado a morangos. Era com eles que experimentava fumar o *haschich* trazido do Cairo por Eça de Queirós. Era com eles, ou antes com um deles, Antero, que passava as férias na praia de Santa Cruz.

Deste mundo brilhante, Celeste é, pura e simplesmente, excluída. Sendo quem era, não resistiu a ir espreitar a casa na Travessa do Guarda-Mor (o chamado «Cenáculo»), onde, além de Jaime, entreviu Antero, Oliveira Martins, Lobo de Moura e Eça, mas sabia que o seu mundo ficava um pouco abaixo, no Largo Barão de Quintela, onde, entre o pai, os sete irmãos e as criadas, se aborrecia de morte. Se é com os seus camaradas que Batalha Reis se entretém a planear o futuro da pátria, é com Celeste que fala da sua grande preocupação: um emprego. Apesar de filho de um proprietário rural,

com bons conhecimentos nos meios políticos, teve de aguardar vários anos antes de se poder casar. Só em 1872 estará em condições de o fazer.

Na realidade, o período entre 1865 e 1871 correspondeu a uma crise grave no país. À depressão europeia tinham-se acrescentado os problemas derivados da diminuição das remessas dos emigrantes portugueses no Brasil. Os governos caíam uns a seguir aos outros. À «fusão» de 1865, o Executivo que pretendia conciliar tudo e todos, tinham-se sucedido outros, igualmente frágeis. A queda da monarquia em Espanha contribuiu para agitar os espíritos e as notícias que começavam a chegar de França, especialmente sobre a Comuna, tinham lançado os lisboetas em grande excitação. Em Outubro de 1870, depois do golpe militar de Saldanha, o rei convidara o duque de Ávila para chefiar o governo. Em Março de 1871, este proibia as «Conferências do Casino». Em Setembro, o Executivo pedia a demissão¹. Começava a era presidida por Fontes Pereira de Melo, o chamado «fontismo». O clima europeu e o fim da guerra do Paraguai ajudaram à estabilização do poder. Em 1872, Batalha Reis era nomeado chefe do Serviço Agrícola do Instituto Geral de Agricultura. Poucos meses depois casava e a correspondência terminava.

As cartas incluídas neste espólio — depositado na Biblioteca Nacional — fornecem elementos muito interessantes sobre a forma como as classes médias lisboetas viviam². Mostram-nos como se entretinham (os jogos que preenchiam os serões, as óperas de que gostavam, os teatros que frequentavam), por onde se passeavam (Passeio Público, Chiado, rio), onde viviam (Bairro Alto, Cais do Sodré, Rossio), os livros que citavam (V. Hugo, G. Sand, Byron), os escândalos de que se ocupavam (o assassinato da mulher por Vieira de Castro). Por outro lado, e talvez ainda mais curioso, dão-nos a conhecer a «geração de 1870» por dentro. Batalha Reis fala da génese de *O Mistério da Estrada de Sintra*, de Eça de Queirós; da forma como surgira «Fradique Mendes», o pseudónimo colectivo sob o qual Antero, Eça e ele próprio tinham escrito poemas destinados a chocar os leitores; das complicações ligadas à obtenção de um emprego, um assunto tão difícil que levava o pai a pensar que o mais fácil seria tentar «fazê-lo» eleger como deputado; da extraordinária aparição de Eça depois de ter regressado do Egipto; do isolamento cultural de que se considerava vítima por ter nascido em Portugal; da forma como ele, primeiro, e, depois, Eça, se candidataram à carreira diplomática; das «cunhas» que o pai utilizara aquando do concurso público para cônsul; dos trabalhos preparatórios para a organização das Conferências

¹ V. Maria Filomena Mónica, «O senhor Ávila e os conferencistas do Casino», in *Análise Social*, n.º 157, 2001.

² As cartas mais importantes, em número de 301, foram transcritas por Maria José Marinho e encontram-se disponíveis, através da Internet, no *site* do Instituto de Ciências Sociais, <http://www.ics.ul.pt> (Arquivo de História Social).

do Casino e do êxito das palestras que proferiu, pelo país fora, sobre questões agrícolas; dos motivos que o levaram a apoiar a Comuna de Paris; da personalidade de alguns dos seus amigos, entre os quais Antero, cuja egoísmo critica, e Eça, cuja deslealdade lamenta.

Só em 1882, depois de uma brilhante carreira docente, viria a seguir as pisadas de Eça, ao ser colocado em Newcastle. A segunda parte da sua vida decorrerá no estrangeiro, entre a redacção de estudos técnicos sobre vinhos e artigos sobre as colónias, publicados estes em revistas inglesas. Em 1921, muito depois de ter assistido à morte da mulher, de ter presenciado a revolução em Sampetersburgo e de ter participado nas conversações da paz em França, voltou para Portugal. Já velho, foi viver para a sua quinta no Turcifal, onde viria a morrer em 1935, depois de, a pedido de Celeste, ter queimado as cartas que esta lhe enviara. É esta a razão por que este amor nos chega apenas a uma voz.